

LITERATURA INFANTIL NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS DE NEGRITUDE NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA UFRJ

Renata Ruth Bastos Oliveira
Orientadora: Ligia Maria Motta Lima Leão de Aquino
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
bastosrenaoliveira@gmail.com

Introdução

É imprescindível que haja um entendimento da importância de se estudar as relações étnico-raciais nos vários contextos sociais nos quais estamos inseridos. Na educação não deve ser diferente, visto que através dela podemos conscientizar e intensificar a necessidade de reconhecermos e valorizarmos as diferenças humanas e culturais já existentes dentro e fora da escola. Porém um padrão já constituído insiste em excluir, silenciar e desprezar as pluralidades e singularidades existentes em alguns sujeitos que já frequentam o ambiente escolar retirando-lhes, por muitas vezes, a oportunidade de construir e reconhecerem sua identidade. Isso se dá especialmente quando falamos da questão racial, da cultura afro-brasileira e africana diante da concepção de uma história única, como apresenta a escritora Chimamanda Adichie: “a história única cria estereótipos, e o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas é eles serem incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história.” (ADICHIE, 2010) Com isso, tentar desconstruir cada vez mais cedo as histórias únicas que vêm sendo contadas torna-se um desafio e, a educação infantil deve ter um papel de extrema relevância nesse processo que não é novo, nem fácil, porém necessário para uma educação justa e de qualidade para todos.

Além disso a abordagem desse tema justifica-se também pela garantia legal dada a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) e também a partir da lei 10639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, hoje substituída pela 11645/08, na qual se inclui também a temática indígena. A obrigatoriedade de ensinar a cultura afro-brasileira e africana além da história da África resulta de uma grande luta, sendo uma vitória dos movimentos negros do século XX para a construção de uma nova educação das relações étnico-raciais e com isso a busca pela reconstrução de uma nova história, diferente das que são transmitidas nas instituições escolares, contadas apenas pelos olhos do colonizador.

Reorganizar a maneira como ensinamos a história e a cultura afro não deve ser um favor, mas uma tentativa de aproximar crianças e jovens negros e não negros do patrimônio cultural deixados pelo povo afro-brasileiro. É óbvio que fazê-los entender o quanto a nossa sociedade é racista também se faz necessário, mas isso não pode e nem deve ser o suficiente, é preciso resgatar uma história para que também haja um resgate de identidade e isso ainda é pouco valorizado nos currículos e nas práticas da educação infantil. É preciso sobretudo ter um compromisso com essa reorganização, como afirma Dias.

Trabalhar com diversidade étnico-racial, especialmente na educação infantil, exige sim, que o professor assuma um compromisso ético e político. Apesar de haver nas propostas oficiais recomendações para que as instituições ofereçam esse tipo de conhecimento, sabemos que inclui-

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

lo nas práticas pedagógicas é romper com a lógica da reprodução do racismo institucional. (DIAS, 2012, p.665).

O número reduzido de pesquisas sobre a questão racial no contexto da educação infantil mostra também que há um desconhecimento daquilo que a criança pequena é capaz de produzir e também precisamos entender que ser criança pequena em um espaço escolar não a isenta do preconceito racial, e para uma melhor construção de uma educação das relações raciais no âmbito da educação infantil precisamos também ouvi-las e vê-las naquilo que elas podem construir frente a todo esse processo de construção racial identitária a que são expostas.

A literatura, por exemplo, pode ser um instrumento na luta por uma construção de uma educação das relações étnico-raciais eficiente, que não se contente apenas com improvisos ou trabalhos isolados apenas no mês de novembro, mas um compromisso político dos docentes e instituições escolares com disposição para desfazer mentes racistas.

A literatura na (des)construção de uma identidade racial infantil.

Entre os muitos propósitos de uma obra literária, emitir uma mensagem é uma delas. Isso não se dá apenas pelo texto escrito, muitas vezes e principalmente no âmbito da educação infantil as imagens são por vezes responsáveis por gerarem a percepção sobre aquilo que está sendo imaginado pela criança, essas imagens, em conjunto, expressam os padrões culturais de uma sociedade e a partir delas é possível perceber os valores e crenças que orientam as percepções de mundo. A literatura infantil por sua vez também pode ser considerada um reflexo daquilo que se passa em nossa sociedade, deste modo cabe sempre indagarmos às crianças sobre qual o sentimento gerado diante dessas representações, visto que pode ser a partir desse processo que a criança crie opiniões e adquira sentimentos a respeito de si mesma.

A literatura infantil então pode interferir na construção ou desconstrução do processo de formação da identidade das crianças negras, principalmente as que se encontram no espaço escolar e sobretudo na educação infantil. Se analisarmos os livros de literatura infantil reconhecidos como clássicos dificilmente encontraremos a representação de um personagens negros com destaque ou que não seja colocado de forma estereotipada, reforçando o racismo existente em nossa sociedade. Outro aspecto a observar é de que a partir desses clássicos conseguimos perceber que há uma padronização daquilo que se acha bonito, bom e aceitável, o que geralmente se encontra em um papel exercido por personagens não negros, criando então duas problemáticas: uma depreciação do negro e uma extrema valorização do branco, então encontramos aí um problema tanto para criança branca como para a criança negra, como afirma a autora Heloisa Lima.

O problema não está em contar histórias de escravos, mas na abordagem do tema. Geralmente, a queixa de crianças negras se sentirem constrangidas frente ao espelho de uma degradação histórica nos alerta que o mesmo mecanismo ensina para a não negra uma superioridade. (LIMA, 2005, p. 104).

Não se pode atribuir apenas à literatura o encontro que as crianças têm com esse padrão estético e ético, pois este está em todos os lugares – na televisão, nos brinquedos e também nas relações interpessoais – há processo histórico já existente onde a narrativa do povo negro é sempre silenciada, com isso há todo um aparato histórico que precisa ser levado em conta quando se decide estudar o papel da pessoa negra, seja criança, jovem ou adulto, nas diferentes representações sociais existentes. Por isso, como afirma Lazaro ramos, precisamos desde cedo promover uma política de auto-aceitação.

Inundar uma criança com referências positivas sobre o seu lugar no mundo é o primeiro passo para aumentar sua autoestima. Sempre que uma criança admira as características físicas e a personalidade de um personagem, se identificando com ele, ela aprende a gostar um pouco mais de si mesma. (RAMOS, 2017, p. 75).

A educação infantil e também a escola, espaço onde a criança começa a descobrir a si e ao outro, deve ser um espaço fértil para trabalhar essa temática, pois possibilita precocemente a construção de um conhecimento que represente a diversidade porém, também é na escola que a criança muitas vezes tem seu primeiro contato com a literatura infantil e muitas vezes é nesse espaço que a criança negra começa a ter o seu primeiro contato com o racismo, sendo estereotipada, desvalorizada e muitas vezes excluída. Nessa ausência de referências positivas na vida dessa criança, seja na família, nos livros e nos lugares a qual ela pertence, acaba por abrir uma grande lacuna para a não-aceitação de sua origem, daí entra o papel do/a professor/a e de todos os instrumentos possíveis para a construção de uma educação antirracista.

Desse modo o meu trabalho se inicia a partir da visita à Escola de Educação Infantil da UFRJ, onde a minha pretensão é de observar de que maneira a literatura infantil pode ser um instrumento de manutenção ou de transformação da luta contra o racismo dentro da escola e especificamente em um contexto de EI, desse modo desejo examinar como se fazem presente as diferentes representações da criança negra nos livros de literatura infantil nas salas de atividades e nos demais espaços delimitados para leitura/literatura no cotidiano, como por exemplo a biblioteca.

Sendo assim, desejo a partir do acervo da escola ver como as práticas de negritude se fazem presente e se tais representações ajudam ao professor na desconstrução dos estereótipos já constituídos em cima da imagem de pessoas negras e assim tentar compreender como as crianças reagem diante dessas representações, pois ao longo do trabalho intenciono também refletir sobre o processo de formação de identidade infantil, embora já saibamos que durante muito tempo essa construção foi pautada sobre um padrão estético branco que reforça o racismo e por muitas vezes a não-aceitação dessa criança em seu perfil étnico-racial. Até porque este processo sempre foi silenciado, conforme apontam as autoras Queiroz e Passos (2015):

Preocupa-nos, para além disso, o silenciamento. Temos percebido que essa produção de invisibilidade tem sido acompanhada, ou substituída, pela produção do silêncio. No caso específico dessa discussão significa dizer que a questão da legitimação dos conhecimentos das populações afro-brasileiras não tem se restringido somente ao aspecto da produção da invisibilidade, mas ao silenciamento desses grupos (QUEIROZ; PASSOS, 2015, p. 141).

Neste sentido, o meu principal foco é tentar compreender se a literatura infantil pode ser tornar uma aliada no processo de uma educação antirracista juntamente com a lei 10639/03 (BRASIL, 2003), que é um mecanismo legal e de grande importância para a abordagem das questões mais primordiais para uma educação das relações étnico-raciais o ensino da história e das culturas africanas e afro-brasileiras, o que de fato pode impedir a continuação do silenciamento da história do povo negro como tem sido durante muitos anos nas escolas.

Em nosso estudo consideramos a ponderação de Júlio Braz (2017) quando enfoca que:

A representação de uma personagem negra em um livro para crianças não garante que esse discurso trará noções de pertencimento (afirmação de uma identidade), principalmente porque ronda, ainda, na produção literária de recepção infantil, um discurso de caráter utilitário, vinculado aos padrões

moralizantes e pedagógicos, sem comprometimento com o estético. (BRAZ, 2017, p.76).

Enfim, acredito que esta experiência contribuirá para ampliar o meu conhecimento a respeito do processo que vem sendo estruturado para a conclusão do meu trabalho de curso, contribuindo também para ampliar e problematizar o campo de estudo sobre a condição da criança negra na educação infantil e o papel da literatura infantil na formação identitária étnico-racial das crianças brasileiras.

Referências bibliográficas.

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única** (mimeo). Documento eletrônico. Diponível em <http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamandaadichie_thedanger_of_a_single_story.htm> Acesso em 10.de abr.2018.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.. Brasília. MEC. SEB, 2009.

_____. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a lei nº 9304/96, modificada pela Lei 10.639, “para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a **obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-brasileira e Indígena.**”. Brasília, 2008.

BRAZ, Júlio Emilio. A literatura de Julio Emilio Braz. In: **A tematica da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez, p.69-78, 2017.

DIAS, Lucimar R. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação**, 2012, v 17, nº 51, p 661-674.

LIMA, Heloisa. Personagens negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: **Superando o Racismo na Escola**. 2ª edição revisada- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

QUEIROZ, Cláudia Alexandre; PASSOS, Mailsa Carla Pinto Passos. Quando a emergências das mangas descola as maçãs: um diálogo com crianças afro-brasileiras e o texto literário. In: **Infância, juventude e educação: práticas e pesquisas em diálogo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, p.133-148, 2015.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, p.75, 2017.